

CONCLUSÃO

Um bom começo para conclusão desse trabalho seria ter como ponto de chegada a indagação feita por Jesus aos discípulos: *“quem dizeis que eu sou?”* (Mt 16, 15). Ou mesmo, iniciar pela apresentação que Jesus faz de si com o *“eis-me aqui”*. Ambas as narrativas permitem a construção da identidade cristã. Para alcançar esse resultado caminhamos juntos com Gesché na compreensão de quem é o ser humano que proclama a fé no cristo Glorificado. Afirmar, como Pedro o fez, a identidade de Jesus Cristo, reconhecendo-O como o Filho de Deus, é possível quando assumimos, na nossa condição humana, a responsabilidade do sentido que damos à nossa afirmação. Atestamos a existência da identidade de Cristo como resultado de uma práxis de vida. Reconhecemos as dimensões, histórica, de Jesus de Nazaré e, da Ressurreição, que deu sentido à confissão de fé que Pedro fez, ainda diante de Jesus, *“Tu és o Filho de Deus”* (Mt 1, 22).

A identidade narrativa, elo apresentado como articulador da unidade da práxis de Jesus, permitiu representar a realidade histórica como realidade de fé. Lembramos o que foi dito anteriormente sobre o conteúdo da fé: servir ao reconhecimento legítimo do cristão presente no mundo e autenticar a fé proclamada no seguimento de Jesus Cristo. Não há como ser cristão, seguir Jesus Cristo, sem conhecer a fé proclamada. A alteridade, que permitiu o desabrochar da fé como resposta individual do diálogo entre o ser humano e Deus, não pode permanecer fechada nela mesma, pois tem o sério risco de se esvaziar num reducionismo de uma lógica utilitarista de Deus. A fé em Jesus Cristo exige a práxis vivida por Cristo. Isso é o que queremos evidenciar na prática do cristão, não uma prática que evidencie somente uma das dimensões da realidade existencial de Jesus em detrimento da outra, trazendo à tona todas as dificuldades elencadas neste trabalho, que impedem o diálogo da teologia com as outras ciências presentes no mundo atual. Principalmente, a dificuldade do cristão de ser reconhecido e legitimado, na sua prática, se desconsiderar somente a história como possibilidade de uma vida cristã ou mesmo uma fé ativista que rejeita ou minimiza a oração como suporte da espiritualidade cristã.

A cristologia, como conteúdo de fé, precisa ser defendida e vivenciada como revelação de um Deus humano que anunciou, antecipadamente, uma nova

realidade existencial, a teologal. O Reino é a antecipação da construção dessa nova realidade que testemunhamos na fé proclamada. Portanto, a práxis de Jesus Cristo é condição fundamental para a identidade cristã ocupar o seu lugar como possibilidade de uma existência construída livremente. Reconhecemos a identidade do cristão quando narramos, juntos com os apóstolos, o Cristo Ressuscitado, morto e crucificado. Podemos, então, fazer outro importante questionamento para o cristão, depois de ter destacado a práxis como critério do seguimento de Jesus Cristo: como anunciar a mensagem do Cristo Ressuscitado nos tempos atuais, de modo a provocar o desejo de uma adesão apaixonada pela pessoa de Jesus? Já destacamos no último capítulo, os sinais dos tempos, a história como processo, dinamizada pelo Espírito, portanto, atualizada e à espera de que o Homem saiba discernir, com os critérios da justiça do Reino, os caminhos que o cristianismo inaugurou na sua história. A primeira herança recebida é a desfatalização dessa história, que permitiu Jesus agir e, por isso, ser condenado, porque assumiu a luta pela libertação de tudo que impedia o ser humano de ter vida digna, tanto no âmbito individual como social e econômico. Temos, a partir daí, um critério que já foi reconhecido como critério para salvação: o compromisso com o outro desfigurado na sua humanidade, com o pobre que pode estar presente no sujeito ou mesmo na estrutura invisível da sociedade, com aqueles que não enxergamos, mas existem nos porões da humanidade.²³³

A comunidade de fé, herdeira da mensagem cristã da salvação, deveria ser responsável pela criação de ações pastorais que promovam uma prática transformadora, assentada na vivência do amor cristão. Devemos reconhecer na Igreja a mediação fundamental da expressão desse amor. Bento XVI, na Encíclica “Deus é Amor”, escreve a todos os cristãos.

“O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de tudo para cada um dos fiéis, mas o é também para a comunidade eclesial inteira, e isso, em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal, na sua globalidade.”²³⁴

Torna-se bastante pertinente acentuar o que a Encíclica afirma como dever de todo crente e de toda comunidade de fé o amor ao próximo, como amor radicado em Deus. A nossa indagação é a de muitos que buscam atuar com a

²³³ Cf. MESTERS, C., *Seis dias nos porões da humanidade*.

²³⁴ BENTO XVI, *Deus é amor*, n. 20.

mesma fidelidade e obediência que Jesus atuou em relação à sua missão. Quem é o meu próximo? Em toda a apresentação de Gesché fomos conduzidos pelos relatos bíblicos, que mostravam a opção de Jesus pelo excluído como exigência absoluta da possibilidade de construção da identidade essencialmente cristã.

O cristão tem na Eucaristia sua maior fonte de riqueza, pois é nela que Jesus estendeu o amor de Deus a todos os seres humanos, concedendo-nos parte no Reino. Quando abordamos a destinação como realidade existencial, vimos que Gesché trabalhou a perspectiva escatológica como uma opção teológica que o cristianismo trazia como novidade e realidade concreta, construída no exercício da liberdade existencial do ser humano. Sabendo que toda ação do cristão representa um testemunho de vida, registramos, então, que a prática da justiça do Reino pode ser uma possível ação criativa para o diálogo com o mundo atual, que vem sinalizando um distanciamento cada vez maior da comunhão entre os seres humanos, evidenciando um individualismo exacerbado nas relações sociais.

Buscando exprimir a unidade do Evangelho na vida do cristão, lembramos o texto da carta de São Paulo aos Coríntios, citado no início do terceiro capítulo, e a narrativa de São Lucas, nos Atos, desejando realizar na prática o que Deus fez conosco ao se revelar na condição humana, amando-nos perdidamente.

“ Perseveravam eles na doutrina dos Apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações. Todos os fiéis vivam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um.” (At 4, 42. 44)

Esperamos que as intuições de Gesché, que trouxemos neste trabalho, ajudem o leitor a responder com mais fundamento à pergunta de Jesus: “*e vós, quem dizeis que eu sou?*” (Mt 16,15). E desejamos que as respostas – tantas quantas as experiências pessoais com Ele – se concretizem num *generoso “eis-me aqui”* frente aos desafios do mundo atual.